**Pura intenção[[1]](#footnote-1)**

*A nossa felicidade consiste em fazer a vontade de Deus*.

No quarto capítulo de seu livro “Homem algum é uma ilha”, Thomas Merton brinda-nos dezenove maravilhosas reflexões sobre a importância de nossas intenções no dia a dia de nossa vida, contextualizando sempre na relação que temos com Deus e com o próximo.

A primeira questão levantada por Merton refere-se à importância de fazermos a vontade de Deus para que consigamos atingir a nossa felicidade, a qual se revela a partir de nossa união com Ele, indo muito mais além do que um simples acordo.

O segundo aspecto abordado diz respeito à nossa percepção da vontade de Deus. Para Merton, por ser a vontade de Deus um profundo mistério, faz-se necessário que nos acautelemos ao tentar percebe-la, pois ela vai muito além do que um simples conceito. O autor aponta a vontade divina como um poder secreto que nos é dado a cada momento, nada tendo de abstrato, muito menos de esotérico, sendo uma realidade concreta que “*vive na vida*” dos seres, é um poder criador de um novo mundo – o reino de Deus. Destaca, ainda, que a vontade de Deus é o movimento da sabedoria e do amor divinos ordenando e governando o cosmos e seus ocupantes, mesmo os que não se dão conta de tal divina ação. Merton, conclui este ponto destacando que a vontade de Deus visa à Sua glória e ao bem daqueles que dela participa.

O terceiro ponto trabalhado refere-se à ilusão que temos ao acreditar que estamos fazendo a vontade de Deus quando nos voltamos apenas aos benefícios próprios. Lembra-nos, Merton, de que a felicidade verdadeira encontra-se na união com Deus e não na obtenção de qualquer recompensa. Porém, diferentemente do que muitos acreditam, uma pura intenção não requer a renúncia do proveito pessoal, devemos, apenas, deixar que este proveito, a nossa verdadeira felicidade, seja decorrente de nossa união com Ele, de nossa pura intenção. Caso estejamos unidos a Ele, certamente, emergirá o nosso próprio bem e a nossa felicidade. Veio-me a mente a exortação de Jesus narrada por Mateus: “*Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo*” (Mt 6,33), juntamente com a fala de Paulo aos Romanos: “*O Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e gozo no Espírito Santo*” (Rm 14,17).

A quarta questão refletida dá continuidade à anterior, pois além do reforço à pura intenção ao nos submetermos à vontade de Deus, acrescenta, ainda, a importante retenção de nossa própria vontade, acreditando que a primeira é sempre boa e perfeita, independentemente se o nosso aparente ganho nela não se evidencia. Na pura intenção, jamais pode existir qualquer análise valorativa entre a vontade divina e a nossa.

A quinta abordagem sobre o tema destaca o necessário cumprimento da vontade divina para que sejamos livres interiormente e, consequentemente, felizes e realizados. Afirma, ainda, que os impuros de intenção são cegos e hesitantes, mantendo-se em constantes conflitos.

A sexta reflexão complementa a anterior, acrescentando que as pessoas com impuras intenções, cegas pelo próprio egoísmo, acabam enganando-se a si mesmas, mergulhando em duvidosas escolhas, desconhecendo, na maioria das vezes, a situação que estão envolvidas, confundindo verdade com ilusão.

A sétima questão, o autor destaca o necessário *querer* a vontade de Deus, e não apenas faze-la, para que haja, de fato, a santidade almejada, significando a união com Deus, por ato e desejo. Representa, assim, a verdadeira entrega.

Entretanto, na oitava abordagem, Merton apresenta-nos a intrigante questão que, certamente, pairava até então na mente do leitor: “*como eu posso discernir o que Deus quer de mim?*” E o autor, ao responder tal questionamento, traz-nos uma desconcertante afirmação: Deus quer que *sejamos*, antes de qualquer coisa! Precisamos *ser* quem Ele deseja que sejamos! Mas o que somos? Filhos de Deus! Ao nos reconhecermos como tal, viveremos segundo essa origem, com a consciência de nossa herança divina. Lembra-nos, Merton, a fala de Paulo aos Romanos: “*O Espírito mesmo dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus. E, se filhos, também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo*”(Rm 8, 16-17a). Não devemos nos esquecer, segundo Merton, que não foi necessário nosso consentimento para nascermos, mas para assumirmos a condição de filhos de Deus, tendo em vista nosso livre-arbítrio, faz-se necessária nossa aquiescência. Porém, para tanto, destaca o autor, precisamos viver a vida e a caridade do próprio Cristo Jesus, Filho unigênito do Criador. Tal condição dá-nos plena liberdade e verdadeira felicidade, mas requer que, como Ele, assumamos a nossa cruz e a carreguemos com o mesmo Espírito de caridade e sacrifício (sacro ofício = ofício sagrado): “*E quem não carrega a sua cruz e me segue, não pode ser meu discípulo*” (Lc 14,27)

A nona questão mostra-nos como o Espírito de Deus dá-nos a conhecer ao nosso coração, suscitando o nosso reconhecimento do amor entre o Pai e o Filho, indicando-nos como guardar seus mandamentos. O Filho foi enviado por amor a nós pelo Pai e este amor é reconhecido se estivermos tomados pelo Espírito. Lembra-nos, então, Merton, que o Espírito nos ensina a viver segundo a divina caridade, não segundo a carne. Mais uma vez, o autor traz a fala de Paulo aos Romanos: “*De fato, se viverdes segundo a carne, haveis de morrer; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras da carne, vivereis, pois todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus*” (Rm 8,13). Ocorre que, segundo Merton, nada disso pode ocorrer sem a oração, para irmos além da mera descoberta da vontade divina, pois precisamos concretizá-la com toda nossa força e sustentá-la sempre com nosso profundo desejo.

O décimo tópico apresenta-nos ricos e fundamentais ensinamentos sobre a pura intenção. Inicia lembrando o invisível mistério da vontade de Deus o qual somente pode ser reconhecido por sinais visíveis, muitas vezes até desprezíveis em nosso cotidiano. Chama-nos a atenção, porém, de que os sinais são apenas indicativos, com sua limitada importância, mas, pelos quais, chegamos à divina vontade. Tudo que existe testemunha a vontade de Deus e devemos ter a clareza de que são apenas sinais. Outro aspecto levantado diz respeito ao cuidado que devemos ter com a interpretação dos sinais, para não colocarmos interpretações pessoal, de acordo com nossos desejos ilusórios. Para que conheçamos a verdadeira vontade divina, precisamos ter uma reta atitude, reconhecendo nossa herança divina e sendo o que realmente somos, não por intermédio de sacrifícios mortificadores, mas pela nossa união com Deus, por meio da caridade e de nossa transformação em Cristo. Ou seja, segundo Merton, precisamos ser quem essencialmente somos, para que, após tal descoberta e reconhecimento, possamos expandir esse nosso verdadeiro ser, avançando além dos limites do nosso egoísmo humano, vivendo desinteressadamente uma vida em Cristo. Lembra-nos, ainda, o autor, lançando mão do próprio tema do livro (Homem algum é uma ilha), que somente faremos a vontade de Deus se ajudarmos conscientemente o próximo a concretizarem o mesmo intento, descobrindo e cumprindo a vontade divina em suas vidas. Dessa forma, evidencia-se na vontade de Deus nossa santificação como parte do universo, associado a nossa perfeição pessoal, feitos “*à imagem e semelhança de Deus*”.

Na décima primeira questão, Merton chama-nos a atenção para a obrigação de nos conformarmos com o que nos diz os sinais da vontade de Deus, sempre com a humildade em nosso coração e com a confiança no auxílio da graça divina. Tal postura não deve se caracterizar por uma “*ato ocasional de fé*”, mas fazer parte de uma postura permanente de pureza de intensão.

Na décima segunda abordagem, Merton explica o que é a santidade perfeita, referindo-se a ela como sendo o querer perfeitamente a vontade de Deus, porém, apesar de nenhum ser vivo ser capaz de uma absoluta perfeição, é necessário que a amemos, o que é fundamental para trilharmos esse caminho, indo além do querer e do fazer a vontade divina. Devemos nos entregar a Deus plenamente, com profundo amor, para que a Sua verdadeira vontade se realize em nossa vida e por intermédio de nossos atos.

Ao lermos o décimo terceiro item, podemos dizer que o autor nos sacode com uma importante visão da realidade, trazendo-nos para o chão, pois nos alerta para o risco do desejo de se atingir a perfeição nesta vida, postura que demonstraria nossa ignorância sobre a própria vontade divina. Busquemos, sempre, nosso aperfeiçoamento, nosso crescimento, nossa evolução. Façamos bem, e cada dia melhor, aquilo que Deus nos coloca nas mãos.

Na décima quarta abordagem do tema, Merton lembra-nos da importância de fazermos a vontade divina simplesmente por ser esta a vontade de Deus e que jamais devemos questionar a sabedoria e a perfeição de Sua vontade, pois se é Sua é perfeita.

Encontramos no décimo quinto item um importante ponto para nossa reflexão sobre o reconhecimento do perfeito amor de Deus que propicia, nas profundezas de nossa alma, a realização de Sua própria vontade. Quando Merton se refere a intenção pura, aponta para realização em nós da própria vontade de Deus, indo além da sua indicação, ordenando a nossa vontade à ação. Assim, quando agimos segundo a vontade de Deus, o fazemos em decorrência, de forma simultânea, da nossa vontade e da dEle. Lembra-nos, Merton, que, ao sermos tocados e impulsionados pela vontade de Deus, passamos a ter “fome” de Suas palavras transformadoras e, dessa forma, nossa vida passa a ser “*as próprias decisões misteriosas de Deus*”.

O décimo sexto ponto levantado por Merton diz respeito à solução do que ele chama de antinomia entre ação e contemplação, destacando a importância do desenvolvimento simultâneo de ambos para integrarem-se em uma só vida e unidade. Aponta para a “ação” como obras realizadas pela presença de Deus em nós, a concretização de Sua vontade, seria, para Merton, a caridade voltada para fora. Já a “contemplação” não deve ser vista como algo breve, ou mesmo o alívio de nossos trabalhos, mas sim como a caridade voltada para dentro, para a fonte divina habitada em nós, algo que perpassa continuamente nossa vida.

Na continuidade do ponto abordado no item anterior, a décima sétima questão destaca a união entre ação e contemplação no preenchimento de nossa vida, tendo em vista sermos movidos pelo Espírito de Deus. Cita Johannes Tauler ao apresentar a distinção entre a “reta intenção” e “intenção simples” que seriam dois graus de intenção pura. A primeira, em que pese o desejo de cumprir a vontade de Deus, objetivamos nossas ações, como algo nosso e à parte de Deus, sendo própria da vida ativa de quem está sempre em movimento. Já na intenção simples estamos menos preocupados com o fazer e mais atentos no trabalho que Deus faz em nós, sendo assim, essencialmente um contemplativo e, ao trabalhar, o fazemos sempre em uma atmosfera de oração. Dessa forma, Merton afirma que uma pessoa com intensão simples “*descansa em Deus enquanto executa as coisas*”. O dizer-se contemplativo, até mesmo o viver em mosteiros contemplativos, não quer dizer que assim o seja, de fato, pois se pode viver num mundo “*onde as coisas a fazer dificultam a visão dAquele para quem elas são feitas*”. O autor finaliza este ponto chamando a atenção para o alvo da vida contemplativa que é ensinar a pessoa a “viver em Deus”, e não apenas a recitar orações e fazer sacrifícios.

Dando continuidade à chamada “simples intenção”, no décimo oitavo item Merton frisa ser esta um raro dom de Deus, pois relaciona tal intenção à pobreza. Chega a dizer que poucas pessoas, inclusive dentre os religiosos, realmente apreciam a pobreza. Afirma, inclusive, que é necessária a nossa intensão ser completamente pobre para ser realmente simples, pois na pobreza, ela busca somente ter Deus e nada mais, trazendo-nos à mente o deserto do despojamento, para que possamos de fato encontrá-Lo.

Já no décimo nono item, completando o anterior, Merton afirma que a “simples intenção” é a “*morte perpétua em Cristo*”, guardando nEle a nossa vida, enquanto que a “reta intenção” visa apenas o que ele chama de “reta ação”. Destaca na “simples intenção” o seu contentamento em buscar a Deus, independentemente de encontra-Lo de imediato, pois acredita que o simples fato de procurá-Lo já demonstra que o encontramos.

 Finalizando, trazemos a seguinte fala do próprio autor sobre esta última questão:

Dando ao Senhor obras de reta intenção, eu posso estar seguro de que Lhe dou o que não é mau. Mas, se Lhe ofereço obras de simples intenção, estou dando o que é melhor. E, além de tudo o que posso dar ou fazer por Ele, eu fico em paz e tenho a minha alegria na Sua glória.

Resenha elaborada por Rev. Frei João Milton.

1. Segundo capítulo do livro Homem algum é uma ilha de Thomas Merton. [↑](#footnote-ref-1)